



MENTE COMO DISPOSITIVO DE CONTROLE PROBLEMATIZAÇÕES SOBRE A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Yuri Torres Paes Tripodi

Resumo

Mente como dispositivo de controle tece considerações sobre o caráter compulsório da racionalidade na atualidade, a lógica do encarceramento/internamento e a complexidade do contrato social que é estabelecido pela rede/sistema de relações que rege a sociedade contemporânea no que diz respeito aos processos mentais. A partir de uma perspectiva da experiência e em formato de manifesto, o texto versa sobre o modo singular de encarar o que a narradora considera como injunção arbitrária a partir da esfera da insubmissão. A partir do diálogo com Agamben (2009), Deleuze (1990) e Estamira Gomes de Souza são construídas as argumentações para o desenvolvimento da noção de Mente como Dispositivo de Controle. Crítica, ainda, em seu fazer, a falácia das classificações 'delirantes' da psicopatologia. A medicalização da existência é tratada aqui a partir do processo de internamento e como essa lógica opera no corpo aprisionado.

palavras-chave: mente como dispositivo de controle; racionalidade compulsória; esferas da insubmissão.

Introdução e Objetivos

Os objetivos desta pesquisa são expor, denunciar e trazer a reflexão crítica para um procedimento que podemos compreender como um interdito público. No momento em que instauramos uma criticidade sobre um processo que atravessa o corpo social e que promove sofrimentos intensos em corpos que não estão adequados ao contrato social que é problematizado no texto, proponho a discussão sobre o direito ao próprio corpo e o direito à intimidade. Estabelece uma crítica a nova ordem mundial e como a conjuntura social, instaurada a partir do biocontrole, produz adoecimentos em corpos inadequados a esse sistema social.

O texto versa sobre a experiência pessoal a partir de uma análise sociológica sobre os processos mentais na sociedade contemporânea; partindo da expressão de um corpo desajustado, em situação de vulnerabilidade social e neuro-dissidente. Disserta sobre como



os processos impositivos/injuntivos do dispositivo empreendido afetam corpos que, já pelo caráter coercitivo de tal dispositivo, não possuem direito de escolha. A perspectiva é problematizar os modos como a sociedade contemporânea lida, instaura e julga a revolta, consciente e inconsciente e a disfunção mental em uma conjuntura social onde a mente, o sistema óptico é regra de um jogo que promove a exclusão, a invisibilização e a precarização.

**Mas, inversamente,
quando o pensamento clássico
deseja interrogar a loucura naquilo que ela é,
não é a partir dos loucos que ele o faz,
mas a partir da doença em geral.**
Foucault em História da Loucura

existem pessoas que não possuem estrutura psico-lógica para viver em uma sociedade onde a racionalidade é compulsória. a sensibilidade 'aflorada', que se diferencia de uma sensibilidade 'modelada', que extrapola os contornos de uma formatação do sensível, treinado e orientado para direcionar seus estímulos, é o que temos de mais precioso, o espírito vivo da empatia¹ – ato que batalharemos para que não entre em extinção [e a empatia de que trato aqui não possui relação com a comoção seletiva que atravessa o indivíduo que age visando algo em troca, qualquer interesse pessoal; agenciamento provocado pelo modo de subjetivação capitalista, pois concordando com Felix Guattari: "É a produção de subjetividade capitalística que tende a individualizar o desejo" (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p.233)]. nossos corpos não mais serão sujeitados às interdições e movimentos de exclusão inerentes à radicalidade dos desajustados, os que não estão à venda, os que não se calam. vamos revelar cada disfarce que possui desejo de angariar fundos pessoais e trabalha na manutenção dessa estrutura de harmonia fictícia 'em uma sociedade doentia e doente'² e detoná-los.

se nos caracterizam como perturbados e perturbadores, nós avaliamos os comandantes e líderes prescritores da ordem como déspotas e psicopatas:

**a sensação é de sentir-se expropriado do próprio corpo
por uma injunção abusiva**

¹ empatia entendida como um sentimento (característico de sua etimologia - 'pathos') de compartilhar (arcar juntamente) as emoções de outrem no seu íntimo – alegrias, dores, angústias etc. para além de um sentir genérico, a empatia aqui é entendida como ato corporal que modifica a realidade cognitiva de quem a experiencia, modificando seu modo de agir.

² frase retirada do documentário ZeitGeist



e traremos à tona a omissão e o sistema de representação inerentes a esta condição social. condição esta que produz individualismo, egoísmo e competitividade na contradição do sentido de aldeia, como essa era é caracterizada: aldeia global

opto pelo termo capitalismo mundial integrado³, que já retrata o sentido de globalização das relações.

estamos perdendo, gradualmente, os resquícios culturais e cognitivos das **comunidades** tribais [mas não deixaremos que isso aconteça]

onde a farinha é pouca, meu pirão primeiro, onde é preciso prejudicar o outro como modo de financiamento pessoal: somos os que passam fome pelo que acreditamos. levamos às últimas consequências a ideia-ação de revolução sem violência efetiva, mas simbólica como reação ao movimento impositivo e arbitrário fundador de uma sociedade teatral (não como linguagem) e viciada em tele-novela e reality show; não somente os que passam na telinha da rede Globo de tele-visão, mas os que existem como dispositivo incorporado à sua existência. dispositivo é uma terminologia, como nos elucida Agamben, que aparece a partir da década de setenta na obra de Foucault, remetendo ao conceito de positividade em Hegel, que:

em um certo sentido, a positividade é considerada por Hegel como um obstáculo à liberdade humana, e como tal é condenada [...] é o nome que, segundo Hyppolite, o jovem Hegel dá ao elemento histórico, com toda a sua carga de regras, ritos e instituições impostas aos indivíduos por um poder externo [...] (AGAMBEN, 2009, p.10)

o conceito de dispositivo é uma tecnologia do poder em termos gerais. uma compilação, como uma rede de relações, dos processos que engendram às estruturas da subjetividade e seus vínculos indissociáveis aos sistemas institucionais de poder.

a importância neste texto de referir-se ao entendimento e a proposta foucaultiana do termo dispositivo é fundamental para a compreensão de como ele é utilizado nesse manifesto. Agamben vai traçar uma pequena historicidade do surgimento e usos conceituais similares⁴ à compreensão foucaultiana do que é dispositivo;

³ capitalismo mundial integrado é um termo cunhado por Felix Guattari, utilizado em muitas de suas obras

⁴ a descrita plurivocidade de vizinhança de um conceito, proposta de Deleuze e Guattari em 'O que é a Filosofia', de que "um conceito pode ter muitos conceitos vizinhos" (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 119.)



Para Agamben, existe algo de comum entre dispositivo e outros termos filosóficos que, oriundos da teologia cristã, correspondem a uma disposição, a uma governabilidade do mundo, "a um conjunto de práxis, de saberes, de medidas, de instituições cujo objetivo é de administrar, governar, controlar e orientar, em um sentido em que se supõe útil, os comportamentos, os gestos e os pensamentos dos homens." (AGAMBEN, 2009, p.12). a importância da terminologia na obra de um autor é aqui reiterada para o uso que é feito do termo em questão estar alinhado ao modo como ele vem sendo articulado. percebo que existem tentativas de neutralizar a significação de termos que problematizam ou apresentam os **sistemas** de organização da vida [lembrando sempre que essa rede é difusa, sendo o elo global a própria rede].

Agamben apresenta que dispositivo seria um 'universal', classificação que Foucault rejeita. o interessante é compreender que o conceito é um universal, pois compõe (como práxis) a estruturação do mundo globalizado; e a crítica, não só de Foucault, mas também do feminismo negro é a de um sujeito universal.

sabemos que o poder é constituído como relação e que seus engendramentos não pertencem apenas ao horizonte da repressão; contudo, o caráter de regulação/administração é o mais adequado para caracterizar a noção aqui proposta de 'mente como dispositivo de controle'. Foucault aponta, em 'Microfísica do Poder', os dispositivos de poder que sustentam uma organização de vida/mundo. aponto que a caracterização de dispositivo de controle é determinante para a compreensão do caráter de coerção do dispositivo aqui empreendido.

"Tinham eles consciência do caráter subordinante, dominador, insuportável desta vigilância? Ou eles a aceitavam como natural? Em suma, houve revoltas contra o olhar?"

- pergunta de Michelle Perrot à Michel Foucault
em 'O olho do Poder' [Microfísica do Poder]

'No contexto da ocupação colonial contemporânea, a vigilância está orientada tanto em direção ao exterior como em direção ao interior. o olho atua como uma arma.'

Achille Mbembe em 'Necropolítica'

se eu digo:



a sedução por essa tecnologia que atualmente compõe a maioria dos corpos de forma nítida e(-)vidente, o que vocês veem?

Estamira Gomes de Sousa (que teve parte de sua vida e reflexões registradas no documentário ESTAMIRA - Marcos Prado, 2005), mulher que viveu durante anos no aterro sanitário de Jardim Gramacho no Rio de Janeiro e foi diagnosticada com esquizofrenia e quadro de psicose crônica refere-se a essa sedução como um feitiço. ela repete algumas vezes que a humanidade foi enfeitiçada e frases do tipo: “cegaram o cérebro, o gravador sanguíneo de vocês” e “você viu o registrador de pensamento?” quando feitiço é sinônimo de fascínio, inebriamento e entorpecimento, esse termo faz total sentido, assim como muitas de suas falas que demonstram uma atitude de compreensão filosófica e um traço marcante de crítica aos modos de existência da sociedade do consumo e à estrutura social atual. é importante destacar que Estamira, nesse texto, não está apenas como exemplo de contestação da ordem estabelecida de nosso tempo, mas como função compositiva para a criação da noção de ‘mente como dispositivo de controle’.

Foucault aponta que na sociedade disciplinar, o dispositivo prisão, o dispositivo família e o dispositivo escola, para citar alguns, eram notórios nas suas funções compositivas dessa sociedade. ele sugere uma passagem de uma sociedade disciplinar a uma sociedade de controle. não que os aparelhos disciplinares sejam inexistentes na sociedade atual, mas, como nos diz Deleuze:

[...] Foucault concorda com Burroughs quando este anuncia que o nosso futuro será um futuro controlado mais que disciplinado. A questão não é saber se isso é melhor ou pior. Porque fazemos também apelo a produções de subjetividade capazes de resistir a essa nova dominação, muito diferentes daquelas que se exerciam antes contra as disciplinas. Uma nova luz, novas enunciações, uma nova potência, novas formas de subjetivação? (DELEUZE, 1990, p.159)

nesse sentido, atualizando as ideias, aponto que o pensamento e suas faculdades, como imaginação, por exemplo - o que podemos chamar de mente - foi transformada em um dispositivo de controle e teço às problematizações que envolvem essa engenharia de poder.



seríamos nós, voltadas e nos rebelando, no presente, contra as constituições atuais de organização da conjuntura social em que estamos inseridas; contribuindo assim, para a transformação do que compreendemos como um processo autoritário e dominativo determinado sobre nossos corpos

essa estrutura de sociedade promove juízes da vida alheia; atores que representam papéis sociais a partir de seus interesses e de quem os "patrocina". muitas vezes, a representação da/na vida acaba por "girar em torno da órbita" dos que assumem a negação como potência de vida e criação. cansamos da condição de sermos o Truman, no show de nossas vidas, até porquê sabe-se que não desempenharíamos nenhum outro papel, pois rejeitamos inteiramente o sadismo intrínseco a essa produção de realidade. e essa produção de realidade nos adoce e, em seguida, carimba em nossos corpos diagnósticos mil — resquícios de transtornos somáticos e psicossociais.

o que pode caracterizar a vivência (e vantagem) dos desajustados como *ética de existência*, é uma expressão que produz uma ruptura no interdito, que vai além dos limites impostos à *expressão*. a característica de *insubmissão* e *insubordinação* é presente, principalmente na apresentação e denúncia públicas da ordem estabelecida de seu tempo. *enunciação insurrecionária*: a loucura aqui compreendida e afirmada burla o imperativo, promove movimentos que evidenciam as violações aos nossos *direitos*⁵ e o caráter opressor do dispositivo aqui empreendido e o desnaturaliza

eu tenho muito mal pensamento
mas não sou eu que faço mal pensamento
eu não sei quem é
mas não sou eu que faço mal pensamento
Stela do Patrocínio

nossa vida torna-se exposta pela nossa condição...

e rejeitamos a vigilância, o controle, a política do medo e do cale-se.

[muitos de nós] fomos submetidos a processos de **indução** psicológicos [às vezes é bom

⁵ direitos básicos como 'Direito ao Próprio Corpo' e 'Direito à Intimidade', incluídos dentre outros direitos da pessoa física no Código Civil Brasileiro e na Constituição Federal.



“abalar fortemente a imaginação de um alienado e imprimir-lhe um sentimento de terror” (FOUCAULT, 1972, p. 88)] que causam desordenação e desconformidade entre nossos pensamentos e ações. o pensamento se tornou sem equilíbrio e sem linearidade lógica (talvez um protesto inconsciente contra a ordem estabelecida⁶) - consequência de traumas e suas sequelas e acrescidos, a esta desordem, marcadores sociais que compõem a nossa estrutura de vulnerabilidade.

longe de fazer uma dissociação entre corpo e mente, pelo contrário, admitimos e reconhecemos a angústia gerada, em tempo real, por esses pensamentos em desequilíbrio. cansamos da sensação de culpa por isto. a nossa culpa é produzida por estarmos cientes de que outras pessoas estão em correspondência com nosso pensamento em desequilíbrio.

particularmente, esse processo de desequilíbrio se estabeleceu em minha experiência a partir da descoberta do dispositivo e seus modos de ação. estamos estafados do mal-estar corriqueiro que o comando e a vigilância provocam em nossos corpos e berramos e berraremos um FODA-SE: o pensamento é da nossa esfera privada e se não temos a escolha de nossa mente como meio de comunicação, se é nítida imposição, não concordamos e ponto final. nossa agressividade é lançada às instituições policiais e castradoras da liberdade e da experimentação dos corpos. sofremos a punição por nossos atos e por nossa existência transgressora, mas o que seria da sociedade se todos fossem resumidos a homogênea e totalitária obediência e resignação? principalmente diante de uma composição social de desigualdade de direitos e reprodução de heranças dominantes, de maneira mais suave, mas suave para quem?

a história de quem possui experiência semelhante à nossa e lutou pelo nosso comum é silenciada, invisibilizada e manchada de sangue; corpos à margem, arremessados ao vazio das naus peremptórias, à pobreza, à prisão (pelo crime de desviarem da razão), à violência física, à solidão, à depressão, à ansiedade, ao suicídio, aos choques elétricos, à lobotomia, aos manicômios, aos hospitais psiquiátricos.

⁶ referência a frase de Deleuze em ‘Conversações’: “Não nos dirigimos aos que consideram que a psicanálise vai bem e tem uma visão justa do inconsciente. [...] Nós nos dirigimos aos inconscientes que protestam. Buscamos aliados. Precisamos de aliados”



lágrimas esquecidas⁷, corpos sem memória:

vi-os nus, cobertos de trapos, tendo apenas um pouco de palha para abrigarem-se da fria umidade do chão sobre o qual se estendiam. Vi-os mal alimentados, sem ar para respirar, sem água para matar a sede e sem as coisas mais necessárias à vida. Vi-os entregues a verdadeiros carcereiros, abandonados a sua brutal vigilância. Vi-os em locais estreitos, sujos, infectos, sem ar, sem luz, fechados em antros onde se hesitaria em fechar os animais ferozes, e que o luxo do governo mantém com grandes despesas capitais. (FOUCAULT, 1972, p. 49)

a descrição acima feita por Jean-Étienne Esquirol
é de **1838**.

peço que pare o que está fazendo

e assista o documentário **EM NOME DA RAZÃO**

(disponível no youtube)

documentário de **1979**, dirigido por Helvécio Ratton

sobre o Hospital Psiquiátrico **Brasileiro** de Barbacena (o **Colônia**).

[compare as imagens. reflita sobre os tempos]

para escrever sobre medicalização da existência, escrevo a partir do lugar de medicalizada, de psiquiatrizada, de diagnosticada pela psicopatologia com transtorno bipolar e quadro de psicose aguda.

o meu foco aqui na medicalização excessiva será a que ocorre durante um internamento, durante os meus internamentos mais precisamente e sua lógica subjetiva de domesticação, de docilização do corpo. as sensações de estar mergulhada nos efeitos de remédios fortes que causam uma espécie de anestesiamento do corpo e alteram a percepção gerando um processo de lentidão medicamentosa. atrelado ao confinamento, a medicalização opera no sentido da retirada da potência de ação, assim como a vitalidade do adoecido ao mudar drasticamente seu estado e encarceram a vida na esfera física e subjetiva.

os espaços de internamento são, mais que tudo, prisões.

⁷ 'lágrimas esquecidas' vem estimulada pela música 'Convoque seu Buda' de Criolo



e já estive três vezes em seus aposentos.

chorei antes de escrever sobre isto, choro escrevendo... se pudesse molhar a tela com a água salgada que escorre como um rio sem pudores nesta escrita... e lágrimas escorrendo foi o movimento que me acompanhou durante os momentos de internamento e solidão. **a lógica do internamento age na sensação.** ela não passa por um sentido objetivo, é uma punição subjetiva; é a coibição da rebeldia inconsciente, da inadequação à realidade que opera instaurando o medo como castigo à revolta, do desajuste social e a castração de qualquer modo de expressão.

o internamento inibe, extremamente, a potência de vida e, a meu ver, visa transformar o corpo em dócil, em obediente, em submisso às relações de poder internas e externas. lembro que, no final da minha estadia, implorava (aos prantos) para não estar mais ali, aos familiares e médicos; e o gesto do corpo é aceitar, aceitar tudo para não estar mais naquela situação. obedecer...

um corpo docilizado e ainda sob os efeitos dos remédios que contribuem para a sensação de impotência, de domesticação. é como se o corpo desejasse agir, mas o efeito daquilo que dopa, acrescido à força da clausura retirasse sua vitalidade.

Foucault aponta os locais de internamento como casas de correção. e o que estaria destinado a ser corrigido? o comportamento. o desvio da conduta normativa, a transgressão, a rebelião, a desconformidade, o potencial questionador e revolucionário: o espírito livre & libertário. cabe aos familiares ou ao círculo afetivo mais próximo encaminhar o sujeito para o internamento. à mercê de critérios e motivações alheias, nossos corpos são, contra nosso desejo, colocados no isolamento. por uma mudança no estado "normal" de um indivíduo, é declarada a sentença de permanecer durante dias em um local fechado, sem contato com o exterior. Estamos, naqueles instantes, condicionadas diante da situação de experimentarmos em nossos corpos intensidades outras...

[...]

'um coração de pássaro no fundo de um cativo' dita yayá massamba (composição de Roberto Mendes), metaforizando um sentimento, remetendo ao corpo nos porões dos navios negreiros. e essa é a imagem que resgato para aludir ao lugar do corpo trancafiado em um espaço mínimo, sob os ditames do sistema único de saúde brasileiro.



e exposto à métodos de tortura...

fui amarrada na cama sem a mínima possibilidade de atentar agressivamente contra outros corpos ou contra mim. esse elemento, clássico de tortura, é determinado sem qualquer restrição ou prudência. é quando o mandante determina e assim o é.

métodos utilizados na idade clássica ainda são reproduzidos na atualidade. a herança da medicina europeia no tratamento da doença mental deixa seus resquícios no Brasil, do passado ao atual:

[...] Normalmente são acorrentados às paredes e às camas. Em Bethlehem, as loucas agitadas eram acorrentadas pelos tornozelos à parede de uma comprida galeria; por vestimenta tinham apenas uma roupa de burel. Num outro hospital, em Bethnal Green, uma mulher era sujeita a violentas crises de excitação: era então colocada num estábulo de porcos, os pés e as mãos amarrados; passada a crise, era amarrada na cama. (FOUCAULT, 1972, p. 149)

Conclusões

A medicalização excessiva durante o internamento acrescida à lógica de encarceramento simboliza o que o sistema hegemônico de poder deseja instaurar nos corpos desviantes/dissidentes e vulneráveis socialmente. O dispositivo de controle que rege a sociedade contemporânea a partir dos processos mentais promovem acordos, contratos sociais para a manutenção da ideia do capitalismo como ad infinitum: friccionamos essa concepção de mundo com a nossa existência. nossos corpos que protestam contra essa lógica afirmam discursos que tensionam a configuração social contemporânea, o neoliberalismo e seus efeitos. as sensações vivenciadas pela experiência da loucura promovem estados disruptivos que, socialmente, devem ser invisibilizados, culpabilizados e interditados. utilizando, para essa escrita, a autoetnografia como metodologia, procedimento onde o sujeito provoca reflexões críticas a partir da sua experiência e do grupo social em que está inserido: bradamos contra a ordem estabelecida e potencializamos a insurgência no desejo ardente da escolha, do direito ao pensamento livre como constituinte do organismo social.



Referências

- DELEUZE, Gilles. ¿Que és un dispositivo? In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990, p. 155-161. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento.
- AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2009. Tradução de Vinicius Nicastro Honesko.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: cartografias do desejo. Virgínia. Vozes, 1986.
- FOUCAULT, Michel. História da loucura na idade clássica. São Paulo. Perspectiva, 1972.
- ZEITGEIST, THE MOVIE – Documentário. Direção: Peter Joseph. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5R_Vm2wCQj4&t=906s. Acessado em 07/08/2017.
- ESTAMIRA – Documentário. Direção: Marcos Prado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-wHISEEXMh4>. Acessado em 05/07/2017
- RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- O SHOW DE TRUMAN – filme. Direção: Peter Weir. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5yy3Ox5Zmdo&list=PLToU5XrzYD29I3B57JL2Qt2Mpb4vPwmy2>. Acessado em 04/10/2017.
- EM NOME DA RAZÃO – Documentário. Direção: Helvécio Ratton. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PeXjSSs4q2k>. Acessado em 02/11/2017.
- CONVOQUE SEU BUDA – Álbum. Criolo. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=HncAs9LeyIQ&t=619s>. Acessado em: 24/07/2017.
- PATROCÍNIO, Stela. *O Reino dos Bichos e dos Animais é o meu nome*. Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2001.
- YÁYÁ MASSEMBA – Música. Composição: Roberto Mendes. Intérpretes: Maria Bethânia e Virgínia Rodrigues. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j3MLNFPGEpw>. Acessado em 06/02/2018.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. 2 ed. São Paulo: Editora34, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- MBEMBE, Achille. Necropolitique en Traversées, diaspora, modernités, Raisons politiques, nº 21, 2006, p. 29-60. Tradução para o espanhol: Elisabeth Falomir Archambault. Tradução para o português do trecho citado: Yuri Tripodi.